

---

# Isa Aderne: fazendo política com a xilogravura - anos 60

Maria Luisa Luz Tavora\*

---

Artista gravadora dos anos 60, com formação em pintura e gravura na Escola Nacional de Belas Artes, Isa Aderne envereda pela xilogravura de cunho popular. Cria um universo ambivalente da tradição popular e da realidade política daqueles anos, com obras atravessadas pelo debate sobre a liberdade e arbítrio: uma poética da resistência.

*Xilogravura Popular, Anos 60, Gravura Política, Poética da Resistência*

A década de 60 é marcada, em diversos países, pela inquietação social, pela elaboração de propostas renovadoras que se opõem ao caminho de internacionalização das economias e conseqüente hegemonia dos Estados Unidos. Passados 40 anos, maio de 68 reverbera ainda como marco inesquecível de contestação do *establishment*. Cultura, comportamento e política estiveram em discussão, anunciados ao mundo por arautos estudantis franceses. Os protestos abriam fendas no modelo de sociedade autoritária, levando a mudanças radicais em nosso mundo, a partir de 1968.

Se na Europa, 1968 inicia com tais protestos, aqui no Brasil ele finda com a decretação do AI 5, em dezembro. A situação brasileira, - parte deste mundo questionado -, apresentava singularidades, conseqüências da implantação do Regime Militar, em 1964. Num clima de censura das liberdades constitucionais, um aparato cultural é posto em ação por diversos grupos de vanguarda artística (Opinião 65, 66, Nova Objetividade, Salão da Bússola, 1969).

---

\***Maria Luisa Luz Távora** é professora de História da Arte dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Escola de Belas Artes /UFRJ; doutora em História Social (História e Cultura) pelo IFCS/UFRJ; Pós-doutora pela EHESS/ Paris; pesquisadora da história da gravura artística brasileira contemporânea, com publicações; membro do CBHA, da ANPAP e da ABCA.

Sem pertencer a esses grupos de jovens artistas que se organizaram nas mostras citadas, Isa Aderne (1923), a gravadora em questão, valoriza com suas gravuras a dimensão política da existência. Esta artista faz parte do grupo de artistas que protagonizaram, nos anos 60, a consolidação do processo de reativação da gravura artística, no Rio de Janeiro.

A década iniciara com uma movimentação intensa dos diferentes setores da sociedade para uma transformação da realidade. A vanguarda artística identificava-se com as vanguardas políticas, propondo além de uma nova arte, uma mudança na política, na moral e no homem. O golpe militar de 1964 interrompeu este processo, dando nova forma ao Estado. O mecanismo de repressão política desdobrou-se nas mais diferentes esferas do corpo social, provocando êxodo crescente de artistas e de intelectuais para o exterior. Censura e proibições vão caracterizar o período.

Neste contexto, inicia-se a trajetória artística de Isa Aderne, artista com cursos de gravura e pintura realizados na Escola Nacional de Belas Artes. Elegendo a xilogravura como o seu meio preferencial de expressão, Isa cria nestes anos uma obra que a singulariza no trato das questões sociais e políticas. Seus contatos iniciais com a arte remontam a sua infância, quando brincava no ateliê de Modesto Brocos com o neto do artista e ao período em que estudava nos colégios de freira do interior, onde aprendeu a pintar. Importante também para o desenvolvimento de seu interesse por arte foi o contato com cópias de gesso da obra de Bernardelli, expostas numa sala do Colégio Anglo-Americano, no Rio, que Isa insistia em copiar durante as aulas.

Paraibana de Cajazeiras, onde nasceu em 1923, Isa Aderne peregrinou por muitas cidades nordestinas para as quais seu pai “engenheiro das secas” era mandado a serviço. A fome, a miséria e as doenças como o tifo formam o pano de fundo de sua experiência de mundo no sertão nordestino.

Quando cursava pintura na ENBA, Isa acompanhava com muito interesse as atividades do ateliê de gravura, na expectativa de tornar-se também, como sua irmã, aluna do mestre Goeldi. *Resolvi trabalhar com Goeldi, um homem que dava liberdade, dizia como fazer, que a gente realizasse aquilo que vinha de dentro[...]* (Ferreira&Tavora, 1996, p.38) No curso de pintura, Isa enfrentava problemas com a orientação de alguns professores, conforme afirma:

Comecei a expor no Diretório Acadêmico, embora não gostando do sistema academizante da escola que estava tolhendo minha criatividade. Quando cheguei lá (ENBA) compunha, fazia esboços, fazia qualquer coisa. Depois notei que ficava amarrada. (Ferreira & Távora, 1996,p.38)

Embora seduzida pela orientação do mestre, Isa não chegou a ser sua aluna como pretendia em 1961, ano em que faleceu Goeldi. Inscrita com o novo orientador, Adir Botelho, o entusiasmo pela xilogravura manteve-se refletindo em seu trabalho que, poucos meses após sua iniciação, foi aceito no X Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, em 1961. Para a artista, seu destino de xilogravadora fora traçado pelo próprio nome que carregava. Disse ela:

(...) essa madeira canela escura, ela me parece um pouco com uma madeira que se chama aderne, que é a do meu nome. Meu nome Aderne é uma madeira da Bahia, rajada.<sup>i</sup>

Goeldi continuou para a artista seu “orientador espiritual”. Apreciava os pretos e a luminosidade sutil obtida pelo mestre aderindo também à via expressionista. Dentro desta poética, Isa valorizou a experiência pessoal tanto na escolha da temática quanto nas questões técnicas.

A atividade artística, o ensino e a pesquisa teórica integraram-se perfeitamente na trajetória desta artista, que ao encerrar o curso de gravura, em 1964, assumiu a orientação do ateliê de gravura na Escolinha de Arte do Brasil, no Rio.<sup>ii</sup> Esta experiência na Escolinha revelou-se fundamental para o amadurecimento de sua gravura, que de início, era naturalmente influenciada pelo trabalho de Goeldi, conforme reconhece a artista:

(...) eu comecei a ter influência da gravura popular do nordeste, no convívio com os meus alunos de Pernambuco, me lembrando do que eu tinha visto lá[...]<sup>iii</sup>

O contato com os irmãos José e Antonio Barbosa, entalhadores, despertaram-na para viver uma experiência que, na verdade, adormecida, começara muito antes. Ainda no colégio de freiras no interior, Isa fazia carimbos para usar nas capas dos seus cadernos. Trabalhava com a casca de cajá, material também empregado pelos artistas da região que faziam capas de cordel. Seu pai promovia festas e encontros para os operários, feiras nas quais participavam os violeiros e cantadores. Completa Isa: *Tinha aqueles livrinhos pendurados e eu ficava olhando aquelas gravurinhas, achava aquilo tão bonito!*<sup>iv</sup>

Este voltar-se para as raízes, processo pessoal da artista, dava-se nos anos 60, momento em que o debate cultural sobre a questão do nacionalismo vinculava-se a uma preocupação com nossas tradições. A Escolinha constituía por outro lado, o lugar de valorização desta postura, iniciada por seu fundador Augusto Rodrigues que, muito antes da euforia nacionalista daqueles anos, organizara em 1947, uma mostra do Mestre Vitalino, um dos maiores ceramistas brasileiros. O universo dos

vaqueiros e dos cantadores, o mítico Padre Cícero, amigo da família, a lembrança da capa do primeiro cordel aguardavam uma reanimação na memória da artista.

(...) fui esquecendo o Goeldi, comecei a jogar tudo aquilo da minha infância, da seca, de tudo que eu vi, também na parte estética do cordel. Tudo isso passou a influenciar o meu pensamento.<sup>v</sup>

Ao se voltar para os aspectos culturais que lhe eram próprios, retomando suas raízes nordestinas, Isa inseria-se no modernismo, respondendo à função do artista proposta pela vanguarda dos anos 60. A artista constrói um modo peculiar de equacionar tradição e contemporaneidade.

Nos anos 60, o reconhecimento da cultura popular passava pela sua transformação em um dos símbolos da cultura nacional, escudo da resistência à invasão da cultura estrangeira, em especial a americana. Nas instâncias oficiais de legitimação das artes plásticas, como o Salão Nacional de Arte Moderna, a gravura artística, herdeira do traço popular, ganhou espaço através da aceitação e da premiação de artistas como a própria Isa, Gilvan Samico e Newton Cavalcanti.<sup>vi</sup>

Isa privilegiou, em suas gravuras, a dimensão política da existência, explorando o viés da gravura popular. Sua identificação plena com essa arte fez José Altino, artista-gravador, declarar: *Uma lição de ofício de arte como ofício de vida... Isa Aderne não precisa pesquisar, nasceu e vive no Nordeste de suas xilogravuras* (Altino, 1978). Aplica-se à Isa o termo de Peter Burke, "bicultural", termo que descreve a situação de membros da cultura "alta" cuja formação se dá em instituições universitárias mas que, na infância, tiveram nas manifestações culturais populares, canções, lendas, brinquedos e contos, um caminho de conhecimento (Burke, 1989, p.17).

O processo de criação de Isa está em permanente diálogo com sua situação de vida. Toda a força que imprime à madeira é por ela compreendida como luta, quando afirma: *Agrido a madeira para fugir das agressões da vida* (Aderne, 1974). Esta associação visceral entre obra e artista caracteriza também o trabalho do artista popular. Isa acrescenta à sua gravura a qualidade de espaço de reflexões, manejando um repertório de elementos partilhados com o observador.

Um bom exemplo desta situação é a gravura *Ceia*, uma das 18 obras expostas em sua primeira exposição individual, no Rio, em maio de 1968, no Museu da República. Toda a força deste trabalho parece-nos garantida pela economia de meios e o traçado simples. A artista integra duas ceias, cada uma inscrita em formas marcantes tais como o retângulo e o círculo. Curiosamente temos na parte superior da composição a reprodução da Santa Ceia de Leonardo da Vinci. Os dois terços restantes da composição são tomados por figuras dispostas em torno de uma mesa circular que, explorada na luminosidade do branco, comanda os contrastes e integra os personagens e os objetos.

Isa orienta nosso olhar para promover a integração das duas ceias, alinhando na mesma vertical, no centro, duas figuras, uma de frente e outra de costas com a figura do Cristo, na parte superior. Nada distrai o olhar. O que quer de nós a gravadora? A proposta é a comparação dos espaços e dos tempos distintos que a artista integra plasticamente. As dimensões do sagrado e do profano estão colocadas de maneira vigorosa. A dominante horizontal da Santa Ceia impõe-se à circularidade da ceia profana. Seus personagens, por todos conhecidos, são sugeridos por delicados e diminutos traços. A tradição é revisitada pela força expressiva da xilogravura. Além das lembranças e relações de cada um, existe uma memória comum que é a memória da arte. Na aparente ingenuidade do traço espontâneo, coloca-se para nós a exigência de erudição. Isa simplifica o traço mas não o olhar. Como um modelo ordenado, a Santa Ceia é metáfora do alimento partilhado, alimento numa dimensão espiritual.

A preocupação social marcou sempre as gravuras de Isa Aderne. Todavia, o retorno ao Brasil após uma experiência de ensino na cidade de Salto, no Uruguai, foi marcado por um renovado interesse pela gravura com acentuado tom político, presente em gravuras como as da série *Queremos Chuva*, *Procura-se um padroeiro*, *Parem os ventos*. A série *Queremos chuva* foi inspirada em trabalho de um aluno uruguaio, no qual numa cena de estudantes “em luta”, em clima de passeata, reivindicavam universidades. A palavra “queremos” ganha destaque na composição. Em Salto, região de ação dos tupamaros, questões políticas envolviam os trabalhos de seus alunos, marcados por um caráter panfletário.

Em Isa, a imagem é reduzida ao essencial. Estamos diante de figuras distorcidas de homens e mulheres, distorção que afronta intencionalmente a realidade presente. Trabalhando com a memória nacional da tragédia climática nordestina, Isa apropria-se do motivo da seca e nos coloca diante de um problema contemporâneo. O que se está querendo, aqui no Brasil, em 1968? A artista responde:

(...) eu escrevia “queremos chuva” porque eu era nordestina, (...) eram caras em posições diferentes, com uma expressão de que elas estavam angustiadas, querendo alguma coisa.<sup>vii</sup>

Sua gravura reagia à restrição da liberdade que se seguira à implantação do regime militar. Para muitos, sua poética de resistência passou despercebida. A iconografia dos sonhos e pesadelos do homem sertanejo estava ali, mas falavam dos pesadelos de muitos os brasileiros. No *Queremos chuva II*, os homens e mulheres, com as expressões tensas, destacadas pelas incisões irregulares em seus rostos, estão mudos, reivindicam com o olhar, cuja gravidade encontra solidariedade no amplo céu que encima as figuras. O espaço da natureza, como na obra *O Grito*, do artista norueguês



**Queremos chuva II** - 1968

Xilogravura em preto e branco, 18 x 20,2cm. Coleção Maria Luisa Távora

Foto de José Augusto Fialho Rodrigues

Eduard Munch, reverbera o drama revelado pelos olhares. Isa mergulha na visualidade da tradição popular pinçando seus elementos como símbolos, obtendo um modo de significar algo que não se podia dizer claramente. O momento era de censuras e proibições. Mais que impressionar a vista, a imagem criada por Isa penetra e causa impacto pois traduz um fragmento vivo de sua própria existência.

O mesmo acontece com a obra *E agora, José?*, também de 1968. Esta gravura é apresentada com outra, *Vacas Gordas*. Ambas foram feitas em período anterior à viagem ao Uruguai. Devem ser vistas em conjunto. Configuram dois momentos que o ciclo da vida nos oferece: o da abundância e o da escassez. *E agora, José?* é um trabalho de impacto. Vacas magras, vegetação seca, presença de urubus, a miséria em contraste com o período das “vacas gordas”. Todos estes elementos organizados num espaço tensionado por incisões irregulares que cobrem o céu, também em desespero. O ritmo é angustiante. O observador é encarado pelos animais famintos que, em fila cerrada, dão a sensação de avançar em sua direção. O observador está encurralado, não escapará! Sobre esta gravura, o poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu: *Convivo agora com os bois de Itabira, em grave e ritmada postura, perguntando (ou respondendo): E agora, José? Senti a força e o mistério das coisas que você soube comunicar no traço firme e sensível sobre a madeira.*<sup>viii</sup>



**E agora José?** - 1968

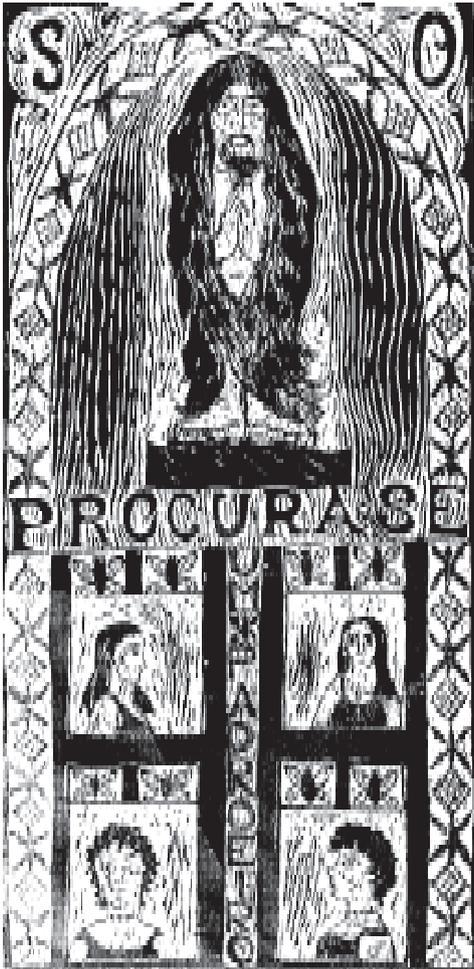
Xilogravura em preto e branco, 49 x 19,5cm. Coleção Isa Aderne

Fonte: catálogo Isa Aderne Gravuras SESC/ São João de Meriti, julho de 1998

Isa e suas metáforas visuais davam conta dos sentimentos de fragilidade de uma maioria significativa. Esta obra, como as demais, presta-se a uma dupla leitura. Considerar o tema no contexto da problemática nordestina ou perceber mais profundamente o diálogo permanente de suas propostas com a situação política vivida pelo país, naqueles anos de ditadura militar. Isa apela para a consciência e ação políticas, domando o imaginário popular, transformando-o em símbolo, numa arte comprometida com seu tempo, sem o sacrifício da questão estética e da linguagem.

*Parem os ventos* foi a primeira gravura que Isa realizou ao retornar do Uruguai, apresentada no Salão da Bússola de 1969, no MAM-Rio. A gravadora inspirou-se no Apocalipse, no momento em que os anjos dos quatro cantos da Terra surgem mandando parar os ventos. Rostos e mãos dominam a composição, aplacando a ação devastadora da Natureza. A ênfase visual das cabeças e mãos, tratadas com incisões nervosas, parece-nos dar conta exemplarmente do binômio pensar-agir. Diferentemente do apelo sofrido do *Queremos chuva*, aqui temos outro tom, uma ordem, possível pois parte de seres superiores, os anjos. Como ousar dar ordens? Isa não perde a medida da poesia ao tratar de questão tão dura. Para quantos “parem” se estende esta imagem! Parem a dominação, parem as perseguições, parem a censura, parem as torturas, parem as mortes, parem de enganar e outros parem mais...

Dentro desta postura de ousadia da artista, encontramos a obra *Procura-se um padroeiro*. As imagens fixam o que a oralidade insinua nas histórias que se contam. Trata-se da memória como essência da cultura. Das histórias ouvidas de sua mãe, na infância, lembra a artista que, na Bahia, havia um santo considerado o padroeiro das prostitutas, o santo Onofre. Por este motivo, não era bem aceito pela Igreja. Rezava a tradição que carregando o santinho nas bolsas, as prostitutas recebiam dele ajuda para “arranjar freguês”. Isa recolhe os dados desta tradição oral e integra com imaginação às imagens de cartazes com fotos dos perseguidos políticos, que a impressionaram, fixados nas colunas do Aeroporto Santos Dumont, nos quais se destacava em letras garrafais um PROCURA-SE.



**Procura-se um padroeiro** - 1968

Xilogravura em preto e branco, 34,2 x 70,0cm. Coleção Maria Luisa Távora  
Foto de José Augusto Fialho Rodrigues

Ávida por manifestar-se contra tal estratégia, Isa compôs *Procura-se um padroeiro*. A composição, na dominante vertical, tem ao centro Santo Onofre, nu, envolvido em longos cabelos, conforme a tradição. Em baixo, figuras femininas - as prostitutas, aparecem com seus rostos enquadrados de frente e de perfil, à semelhança do tratamento dos cartazes políticos. Todo este universo ambivalente da tradição popular e da realidade política vem arrematado por uma moldura em arco, espécie de nicho, trabalhada como renda de bilro, exemplar revelação da maestria e refinamento da artista no trato e domínio da madeira. Destaca-se a expressão “PROCURA-SE” na horizontal e “UM PADROEIRO” na vertical. Nesta gravura, as possíveis relações são mais explícitas. Sobre o risco que corria com tal trabalho afirmou Isa :

(...) Botei isso no Salão Nacional de Arte Moderna, ninguém entendeu. Ninguém entendeu também Queremos chuva, mas era uma posição política e o pessoal mais próximo achava graça de como eu fazia política com gravura.<sup>ix</sup>

Sem ser panfletária, sem sacrificar a imaginação a ideologias, Isa cria imagens a partir de uma perspectiva interior, própria, imagens tingidas por sua afetividade. Aqui cabe aplicar-lhe o que disse o historiador Argan sobre Gauguin: (...) *em seu pensamento, a imaginação não está contra a consciência da realidade nem fora dela e sim é uma extensão da consciência.* (Argan, 1975, p.156)

As obras aqui destacadas são atravessadas pelo debate sobre a liberdade e o arbítrio. Superando a simples denúncia, sua obra se inscreve na consciência modernizadora, na herança expressionista, no senso urgente de mobilizar-se pelo aqui e o agora. Sua gravura ganha a justa dimensão quando avaliada como o lugar do debate sobre a relação arte e sociedade. A órbita de seu trabalho é o presente, o vivido, que orienta a escolha do repertório da tradição nordestina e os códigos da expressão sertaneja, o que nos ajuda a ler esse mundo onde nos inserimos como signo e texto.

A artista desmonta certo complexo de inferioridade da gravura popular, transformando-a em virtude. Ela simplifica a forma para ampliar o olhar. Como fiel intérprete das situações vividas por todos nós, com suas metáforas visuais, a artista está a nos oferecer a chance de apurar nossa sensibilidade, de despertar e aprofundar nossa consciência.

Este artigo, aqui com modificações, constituiu parte da tese de doutorado da autora.

## Referências Bibliográficas

ADERNE, Isa. *Tribuna*. Vitória, 19/09/1974.

ALTINO, José. *Correio da Paraíba*, 29/10/1978

ARGAN, Giulio Carlo. *El arte moderno: 1770-1970*. Valencia: Fernando Torres Ed. 1975.

FERREIRA, Heloisa & TAVORA, Maria Luisa Luz (org.) *Gravura Hoje: depoimentos*. Rio de Janeiro: SESC/ Tijuca, 1996, vol. II.

TAVORA, Maria Luisa Luz. *Gravura artística contemporânea posta em questão: anos 50 e 60*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em História Social (História e Cultura) IFCS/UFRJ, 1999.

## Notas

<sup>i</sup> ADERNE, Isa. . Em *depoimento* à autora Rio de Janeiro 01/10/1996. Segundo especialistas, trata-se do guarabu-preto ou aderno, árvore da família das anacardiáceas, das matas do Rio de Janeiro.

<sup>ii</sup> Isa Aderne, após estagiar no Museu da República, na área de restauração tornou -se chefe de pesquisa deste setor. Teve trabalho publicado, atribuição de um quadro de D. João VI e D. Carlota Joaquina a Manuel Dias de Oliveira. Sua atuação na área de arte-educação estende-se a vários pontos do país, com destaque para o trabalho realizado na Secretaria de Educação da Bahia e na PUC do Rio de Janeiro.

<sup>iii</sup> ADERNE, Isa Em *Depoimento* à autora . Rio de Janeiro, 1 / 10 / 96.

<sup>iv</sup> Idem

<sup>v</sup> Idem ibidem

<sup>vi</sup> Isa Aderne foi aceita em todos os Salões de Arte Moderna a partir de 1961; Samico teve Isenção de Júri em 1961 e Newton Cavalcanti em 1963; o prêmio de Viagem ao País foi em 1962 para Samico e em 1964 para Newton; o prêmio de Viagem ao Exterior foi de Samico em 1968 e de Newton em 1972.

<sup>vii</sup> ADERNE, Isa . Em *Depoimento* à autora. Rio de Janeiro, 4 / 3 / 1999.

<sup>viii</sup> ANDRADE, Carlos Drummond . Em *carta* à Isa Aderne . Rio de Janeiro, 22 / 2 / 71 .

<sup>ix</sup> ADERNE, Isa. Em *Depoimento citado* , 1996.